

Colaboração, ferramenta contra o câncer

O termo *crowdfunding* pode ser traduzido ao pé da letra como “arrecadação de fundos pela multidão”, ou apenas financiamento coletivo, como é usado em português. A prática, iniciada em 2005, ganhou escala mundial em 2009 e apareceu no Brasil em 2011. Surgiu com a “economia criativa”, originária do Reino Unido e que, só em 2014, movimentou US\$ 126 bilhões em todo o mundo.

A princípio, o financiamento coletivo foi a alternativa encontrada por empresas iniciantes, com espírito empreendedor e modelo de negócio inovador, as *startups*, frente às dificuldades que enfrentavam para captar recursos no mercado tradicional. Hoje, ampliado para uma gama de projetos, tanto de pessoas físicas como de empresas e instituições, tem bastante representatividade em iniciativas ligadas à cultura, causas sociais e desenvolvimento de novas tecnologias. Funciona assim: empreendedores apresentam seu projeto em sites especializados na Internet, as plataformas colaborativas, que intermediam a arrecadação financeira e, ao longo de 30, 40 ou 60 dias, ajudam a levantar os recursos necessários para tirar a ideia do papel.

Ao contrário do investimento tradicional, em que poucas pessoas depositam muito dinheiro em

um projeto, o financiamento coletivo permite arrecadar valores menores por meio de uma grande quantidade de colaborações. Em troca, os apoiadores recebem um brinde ou desconto no preço final do produto, com valor proporcional ao que investiram.

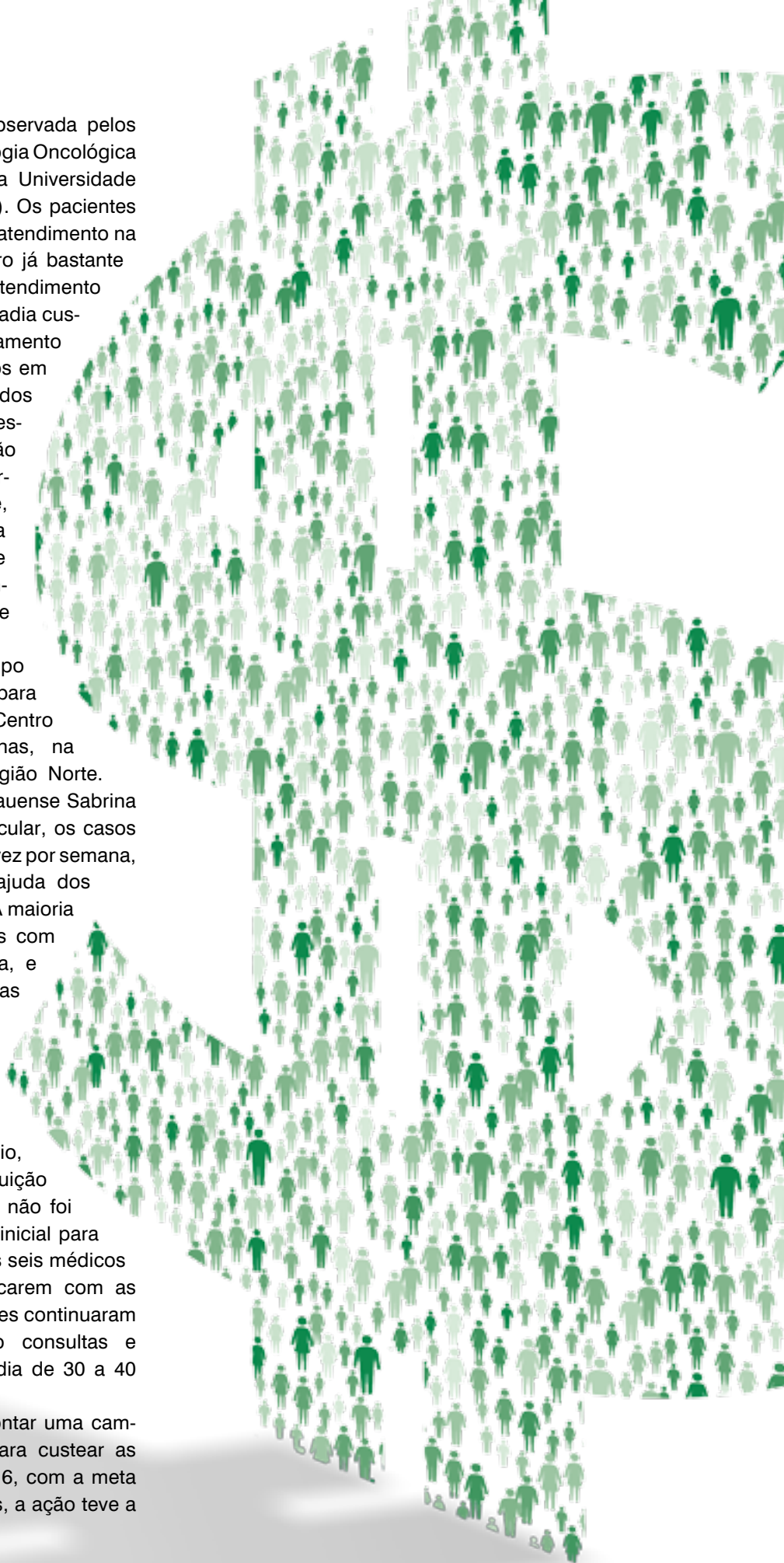
Projetos relacionados ao câncer também têm figurado entre os financiamentos coletivos. No Brasil, há campanhas organizadas por médicos para arrecadar fundos para pesquisas, instituições que buscam solidariedade e aporte financeiro da sociedade civil às suas iniciativas e até pessoas que lançam pedidos a fim de angariar recursos para tratamentos individuais.

Um desses projetos une o estado do Amazonas à cidade de São Paulo. Embora sejam, respectivamente, o maior estado e a maior cidade do País, tratam-se de realidades bem distintas no que se refere à saúde: enquanto o Amazonas tem uma das menores densidades demográficas brasileiras, o que dificulta o acesso da população do interior aos mais básicos serviços, São Paulo, mais rico município nacional, concentra algumas das melhores unidades públicas e privadas, que recebem, todos os dias, pacientes de todos os cantos do Brasil.

Essa realidade também era observada pelos médicos do Ambulatório de Oftalmologia Oncológica da Escola Paulista de Medicina, da Universidade Federal de São Paulo (EPM/Unifesp). Os pacientes vindos do Norte que chegavam para atendimento na capital paulista apresentavam quadro já bastante evoluído, em função da carência de atendimento na região. Mesmo com traslado e estadia custeados pelo governo, o início do tratamento era demorado. “Víamos muitos casos em que teria sido possível obter resultados bem melhores se os pacientes tivessem chegado antes. Alguns já não possibilitavam nem mesmo a cirurgia, e havia mortes que, certamente, poderiam ser evitadas”, explica Rubens Belfort, médico do setor de Oncologia Ocular da EPM e presidente da Sociedade Pan-Americana de Oncologia Ocular.

Diante desse quadro, um grupo de médicos da EPM se mobilizou para viabilizar atendimento gratuito no Centro de Oncologia Ocular do Amazonas, na cidade de Manaus, o único da Região Norte. Com o apoio da oftalmologista manauense Sabrina Cohen, especialista em oncologia ocular, os casos passaram a ser selecionados e, uma vez por semana, eram atendidos e operados com ajuda dos oncologistas vindos de São Paulo. “A maioria dos casos é composta por crianças com câncer intraocular, o retinoblastoma, e adultos com doenças inflamatórias endêmicas da região amazônica, que ainda nem são totalmente conhecidas pela medicina. Há pacientes que se deslocam até 17 horas de barco para chegar ao Centro de Oncologia. A princípio, conseguimos apoio de uma instituição portuguesa, mas em 2014 o auxílio não foi renovado”, conta Belfort. A solução inicial para não interromper o atendimento foi os seis médicos que já participavam do projeto arcarem com as despesas. Com recursos próprios, eles continuaram a viajar para Manaus, realizando consultas e cirurgias necessárias para uma média de 30 a 40 pacientes por mês.

Em 2015, surgiu a ideia de montar uma campanha de financiamento coletivo para custear as atividades. Lançada em abril de 2016, com a meta de arrecadar R\$ 28,5 mil em um mês, a ação teve a



contribuição de 189 apoiadores e superou o previsto, alcançando R\$ 46,9 mil. “Foi muito gratificante ver o resultado, que nos permitirá manter o atendimento e as cirurgias em Manaus entre um e dois anos. Identificamos que a maioria das doações foi realizada por colegas da Escola Paulista de Medicina, que já conheciam e confiavam em nosso trabalho”, conta Belfort. Entre as recompensas oferecidas aos colaboradores, havia desde óculos doados por uma ótica até obras de artistas plásticos que apoiaram o projeto, passando por jantares oferecidos por restaurantes parceiros e visitas ao Centro de Oncologia, em Manaus.

O projeto não arrecada doações pontualmente. Outras colaborações devem ser feitas somente na próxima campanha de financiamento coletivo, ainda sem data prevista.

NASCE UMA ESCRITORA

A nutricionista Adriana Zadrozny é uma curitibana cheia de alegria e com ótimo astral, mesmo depois de ter passado por um câncer de mama grave, descoberto em 2010, aos 40 anos. Na época, ela amamentava seu caçula, Enzo, de apenas 11 meses.

Por trabalhar na área de saúde, Adriana imaginava o que poderia vir pela frente, pois foi identificado um nódulo maligno de 9 centímetros. Além de ter que parar de amamentar imediatamente, ela passou por sessões de quimioterapia para diminuir o tumor e

submeteu-se a mastectomia e reconstrução da mama direita. O tratamento foi concluído com mais sessões de quimioterapia, num total de sete meses de duração.

“Eu tinha consciência de que essa história poderia não acabar bem. Minha maior preocupação, naquele momento, era deixar registros para meus filhos. Meu mais velho, Bernardo, estava com 12 anos e vivia aquela famosa fase complicada da adolescência. Enzo era um bebê e poderia nem se lembrar da mãe caso eu não sobrevivesse”, conta Adriana.

Por isso, ela decidiu começar a escrever. Primeiro, fez um e-mail para toda a família, contando seu quadro de saúde. O conteúdo foi tão tocante que



Sabrina Cohen em cirurgia: ajuda de SP ampliou atendimentos

Crowdfunding

Como funciona?



O projeto é inserido em uma plataforma colaborativa, em busca de financiamento coletivo

cadastro



O criador do projeto informa seus amigos e familiares, que também podem convidar outros colaboradores

divulgação



Quem se interessar em ajudar contribui com a quantia desejada. Os valores são definidos pelo criador do projeto

colaboração



A preocupação com os dois filhos (retratados na ilustração acima, do livro *Sobre viver*) levou Adriana a registrar sua história

a prima da cunhada queria ler, a amiga da mãe pediu para encaminhar para a comadre, o tio do vizinho se emocionou... E assim se formou uma grande corrente de pessoas interessadas nos textos, que crescia a cada nova carta escrita.

“Sempre gostei de escrever, mas nunca fiz isso de forma regular. Essa reação das pessoas foi uma surpresa para mim. O processo todo me ajudou muito a tomar contato comigo mesma. Mesmo sendo um período de muitos desafios e dores, era um alívio poder extravasar meus sentimentos. Relatei todas as fases do tratamento, até o final. Assim, fui me reinventando e descobrindo uma vida muito mais feliz”, lembra Adriana, que na mesma época se separou do marido.

O tratamento e a cirurgia correram bem, sem nenhum tipo de sequela, nem mesmo limitação de

movimentos. Adriana ficou sem escrever por quatro anos, mas em 2015 tomou coragem de reunir os textos em um livro: *Sobre viver*. Sem conhecimento no mercado editorial, foi estimulada a fazer uma campanha de financiamento coletivo, que ela mesma desenvolveu. Em julho do ano passado, seu livro obteve o valor necessário para ser impresso e publicado pela editora Máquina de Escrever. Recebeu R\$ 20.805 doados por 197 apoiadores – acima da meta inicial de R\$ 18.285. “Já no primeiro dia, alcancei 20% da meta. Depois, a campanha passou por um período mais morno, como costuma acontecer mesmo, e, no final, tivemos mais um movimento grande de colaborações. A maioria dos apoiadores foi de amigos e familiares, mas também houve doações anônimas, nunca saberei quem foi. Fiquei muito grata e feliz em



O criador do projeto recebe a verba para viabilizar sua proposta, e cada apoiador ganha uma recompensa, de acordo com o valor doado



Se a campanha é do tipo “Flexível”, o valor é resgatado, e o criador do projeto o adapta à quantia recebida



Se a campanha é do tipo “Tudo ou nada”, os apoiadores recebem o valor investido de volta

meta alcançada

meta não alcançada

me reconectar com pessoas que não via há muito tempo e que foram tão generosas e solidárias”, conta. As recompensas aos colaboradores variaram entre agradecimentos em redes sociais, uma pulseira e a aquisição de um ou dois exemplares da publicação.

Sobre viver foi lançado em outubro do ano passado, mesma época da campanha internacional Outubro Rosa, que tem como objetivo alertar as mulheres e a sociedade para a importância do diagnóstico precoce do câncer de mama. A publicação está à venda no site da Livrarias Curitiba (www.livrariascuritiba.com.br).

ALEGRIA, ALEGRIA!

Em outubro de 2013, a designer Mariana Robrahn e a publicitária Mylene Duarte se inspiraram na ideia de uma amiga, que doava perucas para a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, e iniciaram o projeto Cabelegria. Por meio de um evento no Facebook, elas começaram a arrecadar doações de cabelo junto a pessoas conhecidas, para confeccionar perucas destinadas a pacientes de câncer em São Paulo. “Para nossa surpresa, em poucos dias, havia 1.700 pessoas confirmadas no evento, a maioria mulheres. Recebemos muitas mensagens e logo vimos que tínhamos potencial para mobilizar um grande número de apoiadores”, conta Mariana.

Em menos de seis meses, as duas formalizaram uma ONG e firmaram parceria com um salão de cabeleireiros, que se dispôs a montar as perucas, sem custo. Mas o projeto cresceu, e hoje Mariana



Divulgação

Os recursos arrecadados pelo projeto Cabelegria em campanhas de *crowdfunding* beneficiaram meninas como Sophia

CAMPEÕES DE ARRECAÇÃO

Em 2015, os maiores projetos financiados de forma coletiva no mundo foram:

Desenvolvimento de um relógio inteligente, concorrente do Apple Watch

1

US\$ 20 milhões | 80 mil apoiadores

Fabricação de um mecanismo sustentável para criar abelhas em casa e extrair o mel produzido

2

US\$ 12,4 milhões | 37 mil apoiadores

Relançamento de um famoso videogame japonês da década de 1990, Shemenu III

3

US\$ 6,3 milhões | 69 mil apoiadores

Criação de uma bicicleta elétrica mais leve e versátil

4

US\$ 6 milhões | 16 mil financiadores

e Mylene se veem diante de um novo desafio. Com mais de 80 mil doações de cabelo desde a fundação da ONG – o suficiente para confeccionar até 10 mil cabeleiras postiças –, elas agora buscam verba para conseguir transformar todo esse material em perucas e entregá-las nos quatro cantos do Brasil, sem nenhum custo para os pacientes. “No mercado, uma peruca pode custar até R\$ 5 mil. Ficamos muito felizes de poder proporcionar essa alegria de forma gratuita”, comemora Mariana.

A fim de alcançar seu objetivo, a Cabelegria conta com duas frentes. Uma delas é o Clube Fada do Cabelo, que tem uma linha de doação contínua para contribuições fixas por mês, de R\$ 10 a R\$ 200. A outra são campanhas de financiamento coletivo anuais. A primeira, em 2015, teve meta de R\$ 50 mil e arrecadou R\$ 57.305 num universo de 953 apoiadores. Com o dinheiro, foram confeccionadas 500 perucas, que ainda estão sendo entregues. Para 2016, o objetivo é conseguir R\$ 100 mil. Até o fechamento desta edição, a campanha ainda estava no ar e contava com R\$ 38 mil, arrecadados por meio de 435 colaboradores.

Para solicitar as perucas, os pacientes podem escrever para o e-mail cabelegria@gmail.com e indicar sua preferência por cor, tipo e tamanho dos fios. Até agora, mais de 350 pessoas já foram beneficiadas, todas meninas e mulheres. “Ainda não recebemos nenhum pedido de homens, mas podemos atender, se necessário”, explica Mariana. ■